



Nesta altura muitos se acham fadistas e nem todos com qualidade para serem considerados como tal, mas por outro lado têm surgido grandes valores. Admiro bastante a Ana Moura, a Carminho, o Camané, o António Zambujo e o Ricardo Ribeiro e adivinho um futuro risonho para a Gisela João.

Entrevista

António Chainho celebra 50 anos de carreira em 2015

Quando a guitarra se escuta muito para além do fado

Em 2015, o grande mestre da guitarra portuguesa celebra meio século de carreira. Mas as comemorações começam ainda este ano, em novembro, com a apresentação pública de um livro/CD com temas originais. Composições que António Chainho registou nos estúdios de som do Musibéria, em Serpa, na passada semana. E que “testou” ao vivo num concerto único na Cidade Branca. Natural do concelho de Santiago do Cacém, músico do mundo, Chainho não esquece as suas origens e todas as semanas promove aulas de guitarra em Grândola e em Santiago. Sobre a nova geração do fado afirma que “muitos se acham fadistas e nem todos com qualidade”. Mas não deixa de elogiar o valor de Ana Moura, Carminho, Camané, António Zambujo ou Ricardo Ribeiro. Sobre a candidatura do cante a Património da Humanidade, Chainho refere que tal reconhecimento seria “muito importante para a região e para o País”.

Entrevista Paulo Barriga Fotos Telmo Rocha

Esteve na passada semana em Serpa, no Musibéria, a gravar alguns trechos do seu próximo disco. Fale-nos um pouco desse trabalho.

Será um trabalho de originais, um livro/CD com edição ibérica prevista para novembro deste ano, sendo o pontapé de saída das comemorações dos meus 50 anos de carreira, onde terei uma série de convidados.

Por que razão escolheu Serpa para registar estes arranjos? As condições de estúdio do Musibéria são aconselháveis?

Estávamos em ensaios já algum tempo e queríamos gravar esses registos com melhor qualidade. Por outro lado, seria bom ter o núcleo duro (eu, o nosso produtor e músico Ciro Bertini, o Tiago Oliveira, o Ruca Rebordão e a Ana Vieira) a trabalhar no projeto sem interrupções e mais focados. Finalmente queria ter a oportunidade de testar alguns desses temas ao vivo e Serpa reunia todas estas condições. Depois, foi iniciar contactos. A disponibilidade, o apoio e o incentivo por parte do município, no geral, e do Musibéria, em particular, tornaram possível este encontro. O estúdio tem muito boas condições, as pessoas são fantásticas e a cidade muito inspiradora.

A sua recente estada em Serpa culminou com um concerto. Tratou-se de um espetáculo retrospectivo, a pensar já nos 50 anos de carreira?

Faço 50 anos de carreira em 2015 – este ano fui homenageado pelo Fórum Municipal Luísa Tody em janeiro, mas não pelos 50 anos. Para as comemorações irá ser editado um novo trabalho, em novembro deste ano, seguido de uma *tour* pelos principais auditórios do País, a começar no dia do meu aniversário, 27 de janeiro, e que irá até meados de maio, seguindo-se concertos em festivais e espaços ao ar livre, intercalados com algumas atuações no estrangeiro. Em outubro faremos os concertos de Lisboa e Porto. Depois temos umas ideias mas que por hora ainda não posso revelar. Até à saída do disco faremos algumas apresentações onde iremos testar as novas

composições e deveremos estar presentes em Santiago de Compostela, em outubro, por altura da Womex que este ano se realiza lá.

Numa recente entrevista, o mestre António Chainho disse que “durante muitos anos a guitarra portuguesa esteve subjugada ao fado. Foi necessário libertá-la e acho que consegui”. Qual a razão desta necessidade de centrar o foco das atenções na guitarra e não na voz, como habitualmente acontece?

A certa altura estive com o meu amigo, infelizmente já falecido, Paco de Lucía, no grande festival de Córdoba. E ele comentava a sua estranheza com o facto de a guitarra portuguesa não ter um maior destaque no fado, uma vez que era parte essencial deste género musical e um instrumento único e de tão difícil execução. Sendo a voz, por norma, o centro das atenções o que não acontecia com o flamenco... Nunca mais me esqueci dessa conversa.

Encara, então, a guitarra portuguesa muito para além dos limites do fado?

Sem dúvida, e a prova está aí: basta estar atento aos novos guitarristas que exploram outras sonoridades e géneros musicais, colaborações com músicos fora do universo do fado. Esse tem sido sempre o meu caminho, não deixando nunca de manter a minha ligação ao fado e aos fadistas, homens e mulheres quer da nova, quer de outras gerações, e procurando sempre dar oportunidade a novos talentos de se revelarem.

Considera-se, de alguma forma, um compositor experimentalista da guitarra portuguesa?

Também, mas não só. Não me canso de elogiar aquele que para mim foi o grande guitarrista Armandinho e também o Jaime Santos que eram extraordinários e onde vou buscar inspiração, mas gosto de ouvir muitos estilos e géneros de música para ir buscar novas ideias.

Como vê e como considera esta





Ana Vieira A intérprete que dá voz a alguns dos novos temas de António Chaiño

nova geração de fadistas? Há algum nome que lhe desperte mais a atenção e com quem lhe apeteça tocar? Sem dúvida que o fado está numa fase excelente, à qual muito se deve o facto de ter sido considerado Património Cultural Imaterial da Humanidade, pois possibilitou-lhe uma grande visibilidade. Nesta altura muitos se acham fadistas e nem todos com qualidade para serem considerados como tal, mas por outro lado têm surgido grandes valores. Admiro bastante a Ana Moura, a Carminho, o Camané, o António Zambujo e o Ricardo Ribeiro e adivinho um futuro risonho para a Gisela João. Mas existem felizmente muitos outros com grande valor.

Já que fala no assunto, o que mudou, de facto, no mundo do fado depois da sua elevação a Património Cultural Imaterial da Humanidade? Uma maior visibilidade, quer a nível interno quer externo. Espero que exista uma tomada de consciência por parte das pessoas com poder de decisão deste país de que o fado, em particular, e a boa música que se faz em Portugal e por portugueses, no geral, possa ser a curto prazo uma importante fonte de receitas para o nosso país e mais um atrativo na captação de turistas numa altura em que Portugal começa a ganhar protagonismo nesta matéria. Creio que esta é a altura ideal para se criarem condições para a exportação da nossa música e que o

Creio que esta é a altura ideal para se criarem condições para a exportação da nossa música e que o fado poderá muito bem ser o motor dessa iniciativa. Muitos amantes do fado e da guitarra acreditam agora, mais do que num passado recente, que podem fazer vida da música.

fado poderá muito bem ser o motor dessa iniciativa. Muitos jovens, e menos jovens, amantes do fado e da guitarra, acreditam agora, mais do que num passado recente, que podem fazer vida da música.

A candidatura do cante alentejano também vai ser apreciada pela Unesco até ao final do ano. Acha que está em boas condições de ser reconhecida?

Gostaria muito que assim fosse. Acredito que tem boas possibilidades. Vou torcer para isso. Em Serpa, tive a oportunidade de apreciar grupos de jovens reunidos a cantar, por puro lazer, e sinto agora mais que nunca um acreditar por parte dos envolvidos, e que já são muitos felizmente, que tal será possível. Era muito importante para esta região tão especial e também para o País e para os portugueses.

O António Chaiño é natural do concelho alentejano de Santiago do Cacém. Como é que a guitarra e o

fado entraram na sua vida?

O meu pai tocava guitarra portuguesa e cedo me cultivou o gosto pelo instrumento e a minha mãe cantava fado. Tenho recordações de estar a ouvir as músicas na Emissora Nacional e de as tirar de ouvido. Santiago do Cacém sempre foi uma terra de guitarristas.

Muitas pessoas, de forma errada, pensam que o fado é, exclusivamente, a canção de Lisboa. A história de vida de António Chaiño demonstra o contrário...

Penso que o fado será cada vez mais universal.

Ainda hoje promove com regularidade aulas em Santiago do Cacém e Grândola. É uma maneira de não perder contacto com as origens? Tem descoberto bons executantes no Alentejo?

Sempre tive a preocupação de não deixar morrer a guitarra portuguesa. Já muitas vezes falei nos tempos difíceis que passei quando cheguei a Lisboa e

procurei aprender com os guitarristas da altura que me viravam as costas para eu não ver como tocavam e tentavam que mais ninguém aprendesse, pelo menos com eles. Isso marcou-me e prometi a mim mesmo que não faria o mesmo. Fui, de certa forma, responsável pela criação da primeira escola de ensino da guitarra, atualmente Museu do Fado, pois alertei o então presidente da Câmara de Lisboa, o engenheiro Cruz Abecassis, que se nada fosse feito em breve não teríamos jovens a tocar este instrumento tão especial.

Foi um primeiro passo...

E desde essa altura tenho tido essa preocupação, não apenas em Portugal mas também no estrangeiro, como por exemplo na Índia, no Brasil, no Japão ou nos EUA, onde tenho participado em *workshops* e *master classes* dedicadas ao ensino e promoção da guitarra portuguesa.

E no Alentejo?

Em Santiago e em Grândola tenho sido muito acarinhado e agradeço o esforço das autarquias neste propósito do ensino da guitarra. Tenho tido, felizmente, muitos e bons alunos, alguns dos quais poderão vir a ser bem-sucedidos na profissão se quiserem continuar a aprender. Não é um instrumento fácil, é preciso muita vontade e dedicação. O facto do número de inscritos vir a aumentar é para mim um grande incentivo e um motivo de orgulho.



GIRANDOLA

RUA FREI AMADOR ARRAIS, 9 | LOJA 2 | TEL. 284 361 193
www.facebook.com/girandola.beja



Dona Maria
Hospedaria

Largo D. Nuno Álvares Pereira, 12
7800-018 Beja
Tel. (+351) 284 327 602
Fax (+351) 284 327 604
Email geral@hospedariadonamaria.pt
www.hospedariadonamaria.pt
www.facebook.com/hospedariadonamaria